

## Estado é responsável pela crise de presídios, afirma Celso de Mello

“O Estado é o grande responsável pela gravíssima crise que afeta, há décadas, o modelo penitenciário tal como praticado no Brasil.” A afirmação é do decano do Supremo Tribunal Federal, ministro **Celso de Mello**. Para ele, o poder público subverte a função ressocializadora da pena quando “transgride a essencial dignidade do sentenciado, que tem o direito de receber (e de exigir) do Estado justo e digno tratamento penitenciário”.

U.Dettmar/SCO/STF



O condenado, ao ingressar no sistema prisional, sofre uma punição que a própria Constituição proíbe, diz decano.  
U.Dettmar/SCO/STF

A pedido da **ConJur**, o ministro selecionou trechos de seu voto na [Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental 347/DF](#) na qual o tribunal declarou o estado de coisas inconstitucional do sistema penitenciário e determinou a elaboração de plano nacional com metas para sanar a inconstitucionalidade.

Clique [aqui](#) para ler o inteiro teor do acórdão.

Celso de Mello empregou palavras duras em seu voto, segundo ele, “denunciando e censurando a lastimável omissão na qual o poder público tem cronicamente incidido”.

### Leia trechos do voto de Celso de Mello na ADPF 347/DF:

A **petição inicial** do Partido Socialismo e Liberdade – PSOL, **primorosamente elaborada** por seus ilustres Advogados, **mais** do que uma peça processual, **constitui verdadeiro e terrível libelo** contra o sistema penitenciário brasileiro, cuja situação **de crônico** desaparelhamento **culmina por viabilizar** a imposição *de inaceitáveis condições degradantes* aos sentenciados, **traduzindo, em sua indisfarçável realidade concreta, hipótese de múltiplas** ofensas constitucionais, **em clara atestação** da inércia, do descuido, da indiferença e da irresponsabilidade do Poder Público em nosso País.

**Há, efetivamente, no Brasil**, um claro e indisfarçável “*estado de coisas inconstitucional*” **resultante – tal como denunciado pelo PSOL – da omissão** do Poder Público **em implementar medidas eficazes de ordem estrutural que neutralizem** a situação *de absurda patologia constitucional gerada, incompreensivelmente*



, **pela inércia** do Estado **que descumpre** a Constituição Federal, **que ofende** a Lei de Execução Penal e **que fere** o sentimento de decência dos cidadãos desta República.

**O quadro de distorções** revelado *pelo clamoroso estado de anomalia* e nosso sistema penitenciário **desfigura, compromete e subverte, de modo grave, a própria** função de que se acha impregnada a execução da pena, **que se destina** – segundo determinação da Lei de Execução Penal – “*a proporcionar condições para a harmônica integração social do condenado e do internado*” (art. 1º).

**O sentenciado**, ao ingressar no sistema prisional, **sofre uma punição** que a própria Constituição da República **proíbe e repudia**, pois a omissão estatal na adoção de providências **que viabilizem a justa execução da pena cria** situações anômalas e lesivas à integridade de direitos fundamentais do condenado, **culminando por subtrair** ao apenado o direito – *de que não pode ser despojado* – ao tratamento digno.

**Daí a advertência da Comissão Interamericana de Direitos Humanos, em um de seus “Informes sobre os direitos humanos das pessoas privadas de liberdade nas Américas” (2011), no sentido** de que **sempre** que o sistema penitenciário de um País **não merecer a atenção necessária e os recursos essenciais** a serem providos pelo Estado, **a função** para a qual esse mesmo sistema está vocacionado **distorcer-se-á e, em vez** de os espaços prisionais proporcionarem proteção e segurança, eles se converterão em escolas de delinquência, **propiciando e estimulando** comportamentos antissociais **que dão origem** à reincidência e, *desse modo, afastam-se, paradoxalmente,* do seu objetivo de reabilitação.

Os sentenciados **que cumprem** condenações penais a eles impostas **continuam à margem do sistema jurídico, pois ainda subsiste, quanto a eles,** a grave constatação, **feita** por HELENO CLÁUDIO FRAGOSO, **de que as condições intoleráveis e degradantes em que vivem** os internos nos estabelecimentos prisionais **constituem** a pungente e dramática revelação de que “*os presos não têm direitos*” **em razão do estado de crônico e irresponsável abandono, por parte** do Poder Público, **do seu dever de prover condições minimamente adequadas** ao efetivo e pleno cumprimento dos preceitos fundamentais **consagrados** em nossa Constituição e **cujo desrespeito** dá origem a uma situação **de permanente e inadmissível** violação aos direitos humanos.

**Já tive o ensejo de destacar, Senhor Presidente, quando** do julgamento do RE 592.581/RS, *de que Vossa Excelência foi Relator, a situação precária e caótica* do sistema penitenciário brasileiro, cuja prática, **ao longo** de décadas, **vem subvertendo as funções primárias da pena, constituindo, por isso mesmo,** expressão lamentável e vergonhosa da inércia, da indiferença e do descaso do Poder Executivo, **cuja omissão** tem absurdamente propiciado **graves ofensas** perpetradas contra o direito fundamental, *que se reconhece ao sentenciado, de não sofrer,* na execução da pena, tratamento cruel e degradante, **lesivo** à sua incolumidade moral e física e, *notadamente,* à sua essencial dignidade pessoal.

**A questão penitenciária, em nosso País,** já há muitos anos, **transcendendo** a esfera **meramente** regional, **tornou-se** um problema *de dimensão eminentemente nacional, tal a magnitude* que *nesse campo* assumiu **o crônico** (e lesivo) inadimplemento das obrigações estatais, **de que tem derivado, como efeito perverso, o inaceitável desprezo** pelas normas que compõem a própria Lei de Execução Penal.



**Não hesito em dizer, por isso mesmo, Senhor Presidente, a partir** de minha própria experiência como Juiz desta Suprema Corte **e, também, como antigo** representante do Ministério Público paulista, **tendo presente a situação dramática e cruel constatada** no modelo penitenciário nacional, **que se vive, no Brasil, em matéria de execução penal, um mundo de ficção que revela** um assustador universo de cotidianas irrealidades **em conflito e em completo divórcio** com as declarações formais de direitos que – **embora** contempladas no texto de nossa Constituição **e, também, em convenções internacionais e resoluções das Nações Unidas, notadamente** aquelas emanadas de seu Conselho Econômico e Social – **são, no entanto, descumpridas pelo Poder Executivo, a quem incumbe viabilizar** a implementação **do que prescreve e determina, entre outros importantes documentos legislativos, a Lei de Execução Penal.**

**O fato preocupante, Senhor Presidente, é que o Estado, agindo com absoluta indiferença em relação** à gravidade da questão penitenciária, **tem permitido, em razão de sua própria inércia, que se transgrida o direito básico** do sentenciado **de receber tratamento penitenciário justo e adequado, vale dizer, tratamento que não implique** exposição do condenado a meios cruéis ou moralmente degradantes, **fazendo-se respeitar, desse modo, um dos mais expressivos fundamentos** que dão suporte ao Estado democrático de direito: *a dignidade da pessoa humana* (CF, art. 1º, III).

O Poder Executivo, **a quem compete construir** estabelecimentos penitenciários, *viabilizar a existência* de colônias penais (agrícolas e industriais) e de casas do albergado, **além de propiciar** a formação de patronatos públicos e de prover os recursos necessários ao fiel e integral cumprimento da própria Lei de Execução Penal, **forjando** condições que permitam a consecução dos **fins precípuos** da pena, **em ordem a possibilitar** “*a harmônica integração social do condenado e do internado*” (LEP, art. 1º, “*in fine*”), **não tem adotado as medidas essenciais ao adimplemento** de suas obrigações legais, **muito embora** a Lei de Execução Penal **preveja, em seu art. 203, mecanismos destinados a compelir** as unidades federadas a projetarem a adaptação e a construção de estabelecimentos e serviços penais previstos em referido diploma legislativo, **inclusive** fornecendo os equipamentos necessários ao seu regular funcionamento.

**Não foi por outra razão** que o Plenário desta Corte Suprema, **no precedente** que venho de referir (RE 592.581/RS), **formulou tese** – que guarda *inteira pertinência* com a controvérsia ora em exame – **segundo a qual se revela lícito** ao Poder Judiciário “*(...) impor à Administração Pública obrigação de fazer, consistente na promoção de medidas ou na execução de obras emergenciais em estabelecimentos prisionais para dar efetividade ao postulado da dignidade da pessoa humana e assegurar aos detentos o respeito à sua integridade física e moral, nos termos do que preceitua o art. 5º, XLIX, da Constituição Federal, não sendo oponível à decisão o argumento da reserva do possível nem o princípio da separação dos poderes*” (grifei).

**No exame** da grave questão ora submetida ao nosso exame, **é preciso não** desconsiderar *a função contramajoritária* **que cabe** ao Supremo Tribunal Federal **exercer** no Estado democrático de Direito **e que legitima, precipuamente, a proteção das minorias e dos grupos vulneráveis, sob pena** de comprometimento *do próprio coeficiente de legitimidade democrática* das ações estatais.

**Date Created**

03/01/2017